

HIPEREDIÇÃO DA POESIA DE ALCINA DANTAS: filologia, literatura e memória**HYPEREDITION OF ALCINA DANTAS' POETRY: philology, literature and memory**Pollianna dos Santos Ferreira Silva²³Rosa Borges²⁴

Resumo: Este artigo traz os resultados parciais obtidos na realização do Acervo Alcina Dantas (AAD), situando-o como um lugar de memória sobre a escritora baiana Alcina Dantas (1892-1974). Nesse sentido, buscaremos fazer circular, por meio da práxis filológica, seus textos poéticos publicados, no século XX, nos jornais Folha do Norte, Folha da Feira, Gazeta do Povo, Vanguarda e O Itaberaba, usando, para tanto, o suporte eletrônico. Levaremos em consideração os trabalhos no campo da crítica textual, como os de Shillingsburg (1993), McGann (1995), Urbina e Furuta (2005), Duarte (2019), Borges (2020) e Borges et al. (2021), para realizar a edição de tais textos. Para apresentar a autora no contexto de produção e de circulação de sua poesia, valemo-nos ainda dos textos de Zahidé Muzart (1995, 1999, 2009), de Constância Lima Duarte (2003), entre outros. Compreendemos, assim, a hiperedição como um lugar de memória, conforme concebe Nora (1993), para preservar e trazer à cena elementos de sua vida e a obra dessa escritora, contribuindo-se para a constituição de uma história da literatura de escritoras que produziram no interior da Bahia.

Palavras-chave: Alcina Dantas; Poesia; Hiperedição; Memória.

Abstract: This article aims to inform about the Acervo Alcina Dantas (AAD) as a place of memory about the Bahian writer Alcina Dantas (1892-1974). In this sense, we will seek to circulate, through the philological editorial practice, her poetic texts published, in the 20th century, in the newspapers Folha do Norte, Folha da Feira, Gazeta do Povo, Vanguarda and O Itaberaba, using, for that, the electronic support. We will consider works in the field of Textual Criticism, such as those by Shillingsburg (1993), McGann (1995), Urbina and Furuta (2005) and Borges (2020; 2021) to carry out such an edition. To place the author in the context of the production and circulation of her poetry, we use texts by Zahidé Muzart (1995, 1999) and Constância Lima Duarte (2003), among others, as theoretical support. We therefore understand

²³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA (Universidade Federal da Bahia). Licenciada em Letras Vernáculas pela Uefs (Universidade Estadual de Feira de Santana). Foi bolsista de intercâmbio pela AERI (Assessoria Especial de Relações Institucionais), estudando na Universidade de Coimbra (Portugal) por um ano. E-mail: polliannasantos@gmail.com.

²⁴ Professora Titular de Filologia do Instituto de Letras da UFBA. Pesquisadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA. Coordenadora do Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) e da Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Nova Studia Philologica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: rosaborges@ufba.br

hyper-edition as a place of memory, as conceived by Nora (1993), to preserve and bring to the forefront the life and work of this writer, contributing to the constitution of a history of the literature of women writers who produced in the interior of Bahia.

Keywords: Alcina Dantas; Poetry; Hyperediting; Memory.

INTRODUÇÃO

Contra todos os direitos aprimorados da Mulher são levantados protestos. Contra, muitas vezes, o seu talento, quando ela é inteligente, dizem: Idiota [grifo da autora]. [...] E sempre contra mulher tem o homem negado, sofismado, levando milhares de injustiças sem compreensão verdadeira de que ela também deve ter direito e liberdade (DANTAS, 1927, p.4).

Essas contundentes e significativas palavras são um excerto do texto *Direitos femininos* de Alcina Dantas (1927), publicado no jornal Folha do Norte²⁵. Tal texto circulou em um momento histórico de lutas feministas pelo direito à cidadania e aos espaços públicos para as mulheres – um ponto nevrálgico para o feminismo brasileiro (e mundial) nas primeiras décadas do século XX – (DUARTE, C., 2003). Esses desejos emancipatórios, portanto, chegaram ao município de Feira de Santana, no interior do estado da Bahia (RAMOS, 2007), onde a autora publicou boa parte de sua obra. Conforme percebemos nesse trecho de *Direitos femininos*, a autora insere-se nessa busca por fazer parte de espaços até então interditados para as mulheres, como o artístico.

Contundente e memorável também é o significado do nome Alcina. Do grego *Alkinoos*, isto é, “espírito forte”, assim como seu nome vaticina, ao publicar poemas e outros textos em prosa na primeira metade do século XX, Alcina Dantas mostra uma postura obstinada em defesa do direito à intelectualidade das mulheres, ainda que a recepção local e nacional da literatura produzida por escritoras à época tenha oscilado entre a indiferença, a condescendência ou o desdém, reservando a poucas mulheres (em geral, brancas e economicamente privilegiadas) elogios sobre as suas obras (PAIXÃO, 1990; MUZART, 1995; 1999; 2009; SILVA, 2020). Afinal, como afirmou Zahidé Muzart (1995), as feministas são as mais esquecidas pela crítica e história literárias hegemônicas.

25 Jornal fundado em 1909, por Tito Ruy Bacelar, um político de Feira de Santana.

Por muito tempo, a poesia de Alcina Dantas permaneceu dispersa nos periódicos *Folha do Norte*, *Folha da Feira*²⁶, *O Itaberaba*²⁷, *Gazeta do Povo*²⁸ e *Vanguarda*²⁹, os quais estão disponíveis para consulta em instituições, como o Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana – (UEFS), o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, localizado em Salvador (BA), além de arquivos pessoais de pesquisadoras, como Lélia Vitor Fernandes³⁰.

Assim, para contarmos a história dessa escritora branca, de classe média, nascida em Itaberaba (BA), em 1892, e falecida em Feira de Santana (BA), em 1974, objetivamos construir uma hipertexto de sua obra poética, que tem sido reunida ao longo da pesquisa de doutorado. Localizamos, até o momento, 85 poemas, os quais serão editados.

Ante essa contextualização, este artigo organizar-se-á da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos o Acervo Alcina Dantas (AAD) e a proposta de elaboração de uma hipertexto, procurando ressaltar como tal edição se constitui um lugar de memória (NORA, 1993) sobre a trajetória dessa escritora. Por fim, teceremos as considerações finais.

A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO ALCINA DANTAS (AAD)

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.13).

Como não há memória espontânea, tal qual observa Pierre Nora (1993), e como a poesia de Alcina Dantas encontra-se dispersa, tornando-se, por conseguinte, relegada ao esquecimento, o Acervo Alcina Dantas (AAD) almeja mudar esse cenário, registrando a trajetória literária e artística dessa escritora e editando os seus textos, a fim de que novos(as) leitores(as) tenham acesso a informações sobre a sua vida e à sua obra poética. No trabalho filológico, em interação com outras áreas do saber, tais quais a arquivística e as tecnologias da

26 Periódico fundado em 1928, cujo proprietário era Martiniano Carneiro.

27 Jornal cujo proprietário era Roque Fagundes de Souza, fundado em 1932. As atividades desse periódico se encerram em 1954.

28 Jornal de propriedade de Osvaldo Galeão, de Capitão José Máximo Jandiroba e de Eduardo Fróes da Motta. Foi fundado em 1959.

29 Infelizmente, não foi possível encontrar mais informações sobre esse periódico.

30 Escritora e pesquisadora do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana.

informação e da comunicação (TCIs) buscamos organizar e divulgar a massa documental que integra o AAD.

Os textos são o objeto de estudo da filologia, sendo compreendidos como

[...] **documentos**, que se tornaram **testemunhos** de sua tradição ³¹ e transmissão (manuscrita, impressa, digital), testemunhos que evidenciam os processos de produção, circulação e recepção, e **monumentos** que guardam a memória do que representam, de quem os preparou, quando e onde foram produzidos, por onde circularam, como foram lidos e passados adiante (SANTOS, 2007; BORGES, 2015[2013]. (BORGES, 2021, p.21, grifos da autora).

O diálogo entre a filologia, a arquivística, as TICs e a crítica literária nos permite trazer à cena a literatura dessa escritora de maneira relacionada aos documentos sobre a sua vida. Assim, corroboramos um olhar transdisciplinar que atravessa a pesquisa em arquivos públicos e privados voltada para os estudos literários, de modo que se observa

[um] rico material existente nos acervos dos escritores, como a correspondência entre colegas, depoimentos, iconografias, entrevistas, documentos de natureza privada, assim como a sua biblioteca, cultivada durante anos. Um esboço de biografia intelectual emana desses papéis, ao serem incorporados, ao texto em processo, a cronologia dos autores, o encaixe das fotos, a reprodução de documentos relativos à sua experiência literária, assim como a revisão da bibliografia sobre os titulares das coleções. As pesquisas respondem por sua originalidade, uma vez que o objeto de estudo é construído no decorrer do arranjo dos arquivos, da surpresa vivenciada a cada passo do trabalho (SOUZA, E., 2012, p.301).

Nesse sentido, no Ocidente, o interesse pela criação de arquivos literários existe desde, pelo menos, o século 14,

[...] quando a imagem do escritor emergiu no imaginário coletivo como um dos grandes homens, ao lado de heróis militares, de nobres, bispos e santos. Esse movimento, que culminou na consagração do escritor, disseminou-se para outros países, em períodos diferentes, até alcançar o seu ápice no iluminismo francês, no século 18. (MARQUES, 2012, p.63).

31 De acordo com Duarte, (2019, p.399), a tradição refere-se à “[t]otalidade dos testemunhos, manuscritos ou impressos, conservados ou desaparecidos, em que um texto se materializou ao longo da sua transmissão [APL, 1990].

Como se evidencia, esse interesse destacado por Marques (2012) volta-se sobretudo para os homens intelectuais que se projetaram no Ocidente. Quando se trata de mulheres, por outro lado, esse cenário mostra-se diferente, principalmente se considerarmos, de maneira interseccional, fatores como classe e raça (EVARISTO, 2005; SOUZA, F., 2008, AKOTIRONE, 2019). Um dos impeditivos para a construção de um imaginário coletivo sobre as escritoras que as contemplasse como sujeitos intelectuais foi o machismo e a condescendência em relação às suas produções literárias (PAIXÃO, 1990). Nesse sentido, a pesquisa em fontes primárias torna-se fundamental para trazer à cena os textos de escritoras que foram aliadas da historiografia literária hegemônica (MUZART, 1999, 2009) e excluídas do cânone literário. Aos nos referirmos ao conceito de cânone, ressaltamos que

[n]as artes em geral e na literatura, que nos interessa mais de perto, *cânon* significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres – um patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta ‘humanidade’ é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável (REIS, 1992, p.71).

Alcina Dantas, como várias mulheres de seu tempo, foi apenas timidamente registrada em alguns trabalhos na área de literatura (MORAIS, 1999), o que nos levou a empreender uma busca em arquivos e em instituições diversas no encalço tanto de suas produções literárias quanto de dados sobre a sua vida (SILVA, 2020). Nesse sentido, para a construção do AAD, temos em vista os trabalhos do GT Mulher e Literatura da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), os quais destacam os desafios para

[a] constituição de novos arquivos – novas memórias – se configurou então em uma experiência ímpar: iniciávamos a busca sem saber o que seria encontrado; e para interpretar obras desconhecidas e reconstruir histórias de vida, impôs-se o desafio de realizar leituras com múltipla perspectiva que envolvessem gênero, história das mentalidades e história cultural, que dessem conta de alterar marcos do sistema literário e ainda fornecesse novos instrumentos de análise [...] (DUARTE, C., 2011, p.239).

Sob essa perspectiva, salientamos que, ainda hoje, existe uma carência de arquivos públicos dedicados a mulheres. Simioni e Eleutério (2018) ressaltam como há poucas

instituições públicas que recolhem, preservam e divulgam documentos relativos a essa parcela da sociedade. Nesse sentido, as autoras salientam que

[a]usentes daquilo que certa tradição historiográfica considerava digno de ser percebido, e por conseguinte narrado, não se deve estranhar que as presenças femininas tenham sido pouco retidas no âmbito dos arquivos. Os (as) interessados (as) em conhecer ou problematizar a presença de mulheres na história se deparam com outra lacuna considerável, para além das narrativas, também a ausência de fontes sobre elas [grifo das autoras]. (SIMIONI; ELEUTÉRIO, 2018, p. 21).

Sendo parte de um posicionamento contra essa rara presença em arquivos ou acervos, pensamos no AAD como um espaço hipermidiático, entrelaçando documentos e obra poética da escritora, através da edição eletrônica, para apresentá-la aos(as) leitores(as) na contemporaneidade, em busca de reinseri-la no panorama da história literária baiana e quiçá brasileira. No que se segue, indicaremos como estamos organizando tal acervo e, conseqüentemente, a hiperedição.

No labor filológico, em uma pesquisa de fontes primárias, por meio da *recensio*³², reunimos documentos da tradição direta e indireta (documentação paratextual) que serão trazidos na hiperedição, disponibilizando o dossiê³³ em relação com as edições realizadas (fac-similar, interpretativa, crítica), usando, para tanto, *hiperlinks*. Tal dossiê tem sido organizado, em primeiro lugar, a partir do *Manual de organização de Acervos Literários* de Bordini (2016[1994]). Acrescem-se ainda os trabalhos de Borges (2020) e de Borges *et al.* (2021), os quais indicam a metodologia desenvolvida pelo Grupo de Edição de Textos Teatrais Censurados (GEET) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), qual seja: 1) preparação dos dossiês, com a produção de fac-símiles por meio da digitalização dos documentos. Na presente

32 Segundo Luiz Fagundes Duarte (2019, p.396), trata-se da “[o]peração de recolha e identificação dos testemunhos que constituem uma tradição textual, com vista a estudar as variantes e a estabelecer relações de parentesco entre eles; uma vez feita, pode-se representar graficamente a tradição através de um estema [Maas, 1927]”.

33 Conforme Borges *et al.* (2021, p.21), “[e]ntendemos “Dossiê” como *corpus* de pesquisa construído pelo filólogo-editor, a partir da *recensio* das fontes provenientes de diferentes acervos. Nele, serão incluídos os documentos relacionados pelo editor para representar a gênese textual e/ou as redes de sociabilidades constituídas no processo de transmissão e nos contextos de circulação e recepção dos textos”.

pesquisa, utilizamos o aplicativo *CamScanner*³⁴, 2) descrição física (de testemunhos³⁵ e demais documentos); 3) transcrição dos textos em seus testemunhos; 4) exercício da crítica filológica para, por fim, produzir a(s) edição ou edições dos textos selecionados.

Os documentos que identificamos são diversos: textos em poesia e prosa publicados em periódicos, até então localizados; peças teatrais, canções, poemas e discursos em cinco cadernos de Alcina Dantas; fotos da escritora, entrevistas realizadas com alunos do programa de rádio infantil que ela dirigiu, o *Brasil de amanhã*, na Rádio Cultura ZYN.2436, uma certidão de inteiro teor; trabalhos acadêmicos universitários e textos de associações artísticas da cidade de Feira de Santana, entre outros. Tendo em vista tal diversidade, precisamos criar critérios para organizá-los.

Diante do exposto, a produção literária e os demais documentos foram organizados, levando-se em conta as seguintes classes³⁷ (indicadas pelos números arábicos 01, 02, 03, etc.) e subclasses (letras do alfabeto, a, b, c, e assim por diante): 01 *Produção intelectual*, que diz respeito, por sua vez, às subclasses, 01a – *Poesia*; 01b – *Conto*; 01c – *Ensaio*; 01d – *Peças teatrais*; 01e – *Canções*; 01f – *Discursos*; 01g – *Manifesto*. A classe 02 *Documentos audiovisuais e digitais*, com as subclasses 02a – *Fotos da autora*; 02b – *Gravação de entrevistas relacionadas com a autora*; 03 *Esboços e Notas*; 04 *Memorabilia*, com as subdivisões 04a – *Documentos diversos relacionados com a autora*; 04b – *Homenagem in memoriam*. Em conclusão, as classes 05 *Recepção da obra*, abarcando 05a – *Crítica acadêmica universitária*; 05b – *Crítica da Academia Feirense de Letras e Artes*; 05c – *Memorial e demais estudos biográficos sobre a autora*; 05d – *Poetas* e a classe 06 *Vida*, com a 06a – *certidão de inteiro teor*, expedido pelo Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN) de Itaberaba-BA.

Na hiperedição desses 85 poemas, apresentaremos um inventário (Cf. Figura 1). relacionando todos os documentos reunidos, indicando a quantidade deles, as referências,

34 Trata-se de um aplicativo que permite os usuários digitalizarem documentos usando uma câmera de celular e compartilhá-los em Joint Photography Experts Group (JPEG) ou Portable Document Format (PDF).

35 Consoante Luiz Fagundes Duarte (2019, p. 398), diz respeito ao “[d]ocumento escrito (manuscrito, datiloscrito ou impresso) que contém o texto, tanto na sua lição original como em qualquer das versões que dele exista. Quando no mesmo testemunho coexistem texto impresso ou datiloscrito e manuscrito, temos um testemunho misto.”

36 Rádio localizada em Feira de Santana, fundada em 1950 por políticos locais, como Eduardo Fróes da Motta, Almachio Boaventura, e Oscar Marques, entre outros.

37 A presente nomenclatura segue o modelo definido por Bordini (2016 [1974]).

conforme NBR6023 da ABNT, a indicação das instituições onde estão guardados e o código de arquivamento que lhes atribuímos, assim construído: a sigla do acervo (AAD); o título do texto e/ou do documento (**DF** – Direitos Femininos), a classe (01 – Produção Intelectual) e a subclasse (g – Manifesto), a data de publicação, destacando os dois últimos dígitos (27 de 1927); o título do periódico e/ou do documento (**FN** – Folha do Norte) (se houver) e a instituição em que se encontra o texto e/ou documento (**MCS** – Museu Casa do Sertão) (Cf. Figura 1):

Figura 1 - Recorte do Inventário dos documentos do AAD

ACERVO ALCINA DANTAS			
Quantidade de documentos	Referência	Instituição	Código
Produção Intelectual (Éditos)			
01	DANTAS, Alcina. Direitos femininos. Folha do Norte , Feira de Santana, ano 19, n. 953, p.3, 22 out. 1927.	Museu Casa do Sertão	AAD.DF01g-27.FN.MCS
01	DANTAS, Alcina. Alma que chora. O Itaberaba , Itaberaba, ano 3, n.121, p.3, 23 mar. 1929.	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	AAD.AQC01a-29.FN.MCS
01	DANTAS, Alcina. O céu da tua infância, Folha do Norte , Feira de Santana, ano 20, n. 1031, p.4, 20 abr.1929.	Museu Casa do Sertão	AAD.CTI01a-29.FN.MCS

Fonte: Elaborado pelas autoras

Esse dossiê a ser disponibilizado na hiperedição torna-se essencial, para o ensino de preservar a memória da escritora, por dois motivos. O primeiro, mais evidente, diz respeito a apresentar, para os(as) leitores(as), de maneira organizada e em um mesmo espaço, todo o material reunido na *recensio*. Sem o AAD, para suprir o desejo de conhecer a autora, os(as) interessados(as) precisariam se dirigir às instituições e às pessoas mencionadas, a fim de recolher todas as informações que angariaremos com a pesquisa de doutorado.

O segundo motivo refere-se ao fato de que o dossiê nos possibilita, a partir da leitura crítico-filológica dos documentos que o compõem, trazer à cena a história dessa escritora e de sua obra. Para tanto, teremos em vista a materialidade dos textos, considerando todos os(as) agentes envolvidos(as) no processo de produção, de transmissão e de recepção de sua obra. Tais agentes contemplam os proprietários dos periódicos em que ela publicou, os(as) leitores(as) de sua poesia, sejam eles(elas) da crítica literária ou não, entre outros. A partir dessa leitura atenta, pelo viés filológico, a trajetória da artista será traçada.

Na hipertexto, na aba “*Dossiê*”³⁸, constarão os documentos do AAD, como as entrevistas sobre Alcina Dantas, realizadas ao longo da presente pesquisa, fotos dela, recepção da sua obra, bem como sua produção poética. Todos eles organizados, conforme quadro de arranjo definido pela pesquisadora, e de acordo com a metodologia empregada pelo GEET (BORGES, 2020). Os documentos do referido dossiê serão relacionados aos textos críticos³⁹, por meio de *hiperlinks*, de forma a contextualizá-los e, assim, colocarmos em evidência os processos de produção, de circulação e de recepção da obra desta escritora.

Na seção subsequente, iremos apresentar a proposta de edição da poesia de Alcina Dantas, com destaque para a definição de hipertexto, além dos critérios elaborados para a elaboração dessa edição.

A EDIÇÃO DA POESIA DE ALCINA DANTAS

Na filologia, enquanto crítica textual, editamos os textos de autores(as) tendo em vista critérios previamente estabelecidos pelo(a) filólogo(a)-editor(a). Para a edição dos textos poéticos de Alcina Dantas, optamos por realizar uma hipertexto ou arquivo hipertextual. No suporte eletrônico, esse tipo de edição relaciona, em um mesmo espaço, documentos diversos (imagens, entrevistas, vídeos etc.) e os textos do(a) autor(a), notas e aparatos, apresentando, assim, os textos críticos em relação com tais documentos, por meio de hipertextos, para os(as) leitores(as) (URBINA; FURUTA, 2005; McGANN, 1995; BORGES *et al.*, 2021). Nesse sentido, a hipertexto abarca outros tipos de edição, como a interpretativa, crítica, fac-similar, entre outras.

Tal ambiente relacional concretiza-se melhor ao usarmos as potencialidades que as ferramentas digitais nos possibilitam. Nesse sentido,

[s]e as edições impressas estavam mais interessadas em um estado do texto conformado pelas variantes da tradição e/ou da produção, assim como na apresentação de um texto crítico em sua versão “final”, as edições no suporte digital deslocam a atenção do filólogo para a materialidade dos textos, pondo em destaque o que diz respeito à expressividade das formas materiais. Interessa dar a conhecer os suportes e instrumentos de escrita e como eles implicam na construção dos sentidos para os textos, assim como o uso feito

³⁸ Essa aba ainda está em desenvolvimento.

³⁹ Trata-se do resultado de qualquer edição crítica (DUARTE, L., 2019).

do espaço físico da página e as marcas de escrita (rasuras). Do ponto de vista do leitor essa virada material (CERQUIGLINI, 2000) permite conhecer aspectos da tecnologia da escrita da época, oportunizando o confronto da edição com o fac-símile; dessa forma, o leitor, por definição ativo e autônomo, é convidado a manejar os documentos, construindo seus próprios caminhos de leitura da edição (ALMEIDA; MOTA, 2021, p.113).

Tendo em vista a importância de se criar esse ambiente relacional para uma experiência dos(as) leitores(as), traçamos critérios gerais e específicos que orientam nossa prática de edição de textos. Ao observarmos que boa parte dos textos são de tradição monotestemunhal⁴⁰, optamos por realizar edições interpretativas. Em relação aos poemas de tradição politestemunhal⁴¹, faremos edições críticas. Os dois tipos de edição, além da fac-similar, deverão integrar a hiperedição. Nesse sentido, a edição crítica trata-se da

[r]eprodução do texto do autógrafo (quando existente), ou do texto criticamente definido como mais próximo do original (quando este não existe – *constitutio textus*), depois de submetido às operações de recensão (*recensio*), colação (*collatio*), constituição do estema com base na interpretação das variantes (*estemática*), definição do testemunho base, elaboração de critérios de transcrição, e de correção (*emendatio ope codicum* ou *emendatio ope ingenii*). Todas estas operações devem ser devidamente justificadas e explicadas (*annotatio*), e todas as intervenções do editor, com realce para as lições não adotadas (do original ou dos testemunhos da tradição) devem ser registadas no aparato crítico [Blecu, 1983].” (DUARTE, L., 2019, p.386).

Quanto à edição interpretativa, referimo-nos à

[1] [e]dição crítica de um texto de testemunho único; nesta situação, o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjetura (*emendatio ope ingenii*), e regista em aparato todas as suas intervenções. [2] Edição de um texto de testemunho único, ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público não diferenciado; para além da transcrição e da correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de caráter geral. (DUARTE, L., 2019, p.386).

No que diz respeito ao desenvolvimento de edições em suporte eletrônico, seguiremos os princípios definidos por Shillingsburg (1993), que levam em conta tanto os aspectos para

⁴⁰ O mesmo que testemunho único.

⁴¹ Trata-se de mais de um testemunho.

criar e manter preservada a edição nesse tipo de suporte quanto a experiência do(a) leitor(a) ao ler os textos editados. São estes os princípios: *usability* (usabilidade), *transportability* (transportabilidade), *expandability* (expansividade), *design and storage specifications* (design e especificação de armazenagem), *integrity* (integridade), *user-friendly* (acesso intuitivo e fácil).

A usabilidade significa tornar a hipertextualização de Alcina Dantas compatível com qualquer *software* ou sistema operacional. Em relação à transportabilidade, a edição eletrônica poderá ser acessada em qualquer dispositivo, como computadores, *tablets*, *notebook* e *smartphones*. Quanto à expansividade, a hipertextualização deve ser atualizável e expansiva, de forma a ser passível de modificações, se assim for necessário. Com relação ao *design* e especificação de armazenagem, refere-se ao *design* e à especificação do armazenamento dos documentos arquivados, levando em conta aspectos como multimídia, interatividade, participação do(a) usuário(a), constituição de *links* e contextualização.

A integridade diz respeito a criar mecanismos, usando ferramentas tecnológicas, para preservar os dados da hipertextualização, criando um sistema de *backup*, para assegurar que os arquivos sejam facilmente restauráveis caso haja algum dano neles. Por fim, o acesso intuitivo e fácil refere-se a tornar as informações acessíveis para todos(as) os(as) leitores(as), disponibilizando os textos para serem lidos em *Portable Document Format* (PDF), por exemplo, para que o(a) leitor(a) tenha uma cópia pessoal desses textos.

Dentre esses princípios, chamamos a atenção aqui para os de usabilidade e o de integridade, pois ambos dizem respeito diretamente à longevidade da edição eletrônica e, conseqüentemente, à preservação dessa hipertextualização como um lugar de memória, mesmo que, futuramente, seja necessário mudar a interface da edição ou mesmo do servidor. Assim, mesmo com as mudanças necessárias à interface, posto que sabemos que as ferramentas tecnológicas se tornam rapidamente obsoletas, e com a criação de um sistema de *backup* que assegure a manutenção de dados, o arquivo hipertextual da obra de Alcina Dantas, que dispõe do dossiê e das edições, terá uma continuidade desejável para cumprir o seu papel de memorar a autora.

Nesse sentido, segue um recorte dos resultados parciais quanto à proposta de hipertextualização da poesia de Alcina Dantas. Na tela principal, primeiramente, para situar quem foi a autora e suas múltiplas atividades, como radialista, escultora, pianista, disponibilizamos um texto introdutório sobre ela e sobre o acervo, intitulado Acervo Alcina Dantas (Cf. Figura 2):

Figura 2 – Print da interface do AAD. Na foto, Alcina Dantas e os alunos do *Brasil de amanhã*

Acervo Alcina Dantas

ALCINA GOMES DANTAS

Alcina Gomes Dantas (1892-1974) foi uma artista múltipla. Nasceu em Itaberaba (BA) e exerceu várias atividades, como professora de piano, radialista, artista plástica e escritora. Como pianista, tocou no Cine-Teatro Santana, em Feira de Santana (BA), uma casa de espetáculos. Além disso, até onde se sabe, foi a primeira mulher radialista dessa cidade, sendo criadora do programa "Brasil de amanhã" da Rádio Cultura ZYN.24. Restaurou também imagens de santos católicos e escreveu poemas, contos e ensaios, a maioria deles publicados em jornais das referidas cidades, sobretudo em Feira de Santana.

[SAIBA MAIS](#)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nessa perspectiva, divulgaremos sua obra poética e propiciaremos, por meio da hipertextualidade, o entendimento de que constituir um lugar de memória (NORA, 1993) de mulheres que uma vez foram esquecidas, como Alcina Dantas, é oferecer à comunidade leitora conhecer as suas histórias, em especial as situadas no interior do estado da Bahia. Ao trazermos ao conhecimento do público leitor os documentos que integram o AAD, desejamos contribuir para ser a favor, e não contra o talento artístico de mulheres, assim como Alcina Dantas (1927) manifestou-se em *Direitos femininos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos documentos reunidos pela prática filológica da *recensio* e organizados em um dossiê para fins de edição em suporte eletrônico, mostramos a hipertextualidade como um lugar de memória e um espaço de resistência ao apagamento da história e da obra de escritoras como Alcina Dantas.

Nesse contexto, desenvolver um lugar em que se preserve a sua trajetória significa trazer, para os(as) leitores(as) do século XXI, a vida e poesia dessa baiana. Ante o exposto, buscaremos dar a ver os seus textos poéticos em relação com os documentos reunidos. Corroboramos, portanto, as afirmações de Alcina Dantas (1927), ao realçar que o “ser mulher” não deve(ria) ser incompatível com o ser “artista”. Por fim, foi-nos possível, por meio da prática

filológica, dar visibilidade ao trabalho poético e artístico dessa escritora, e, desse modo, colaborar com os estudos literários ao inscrevê-la na cena literária baiana e brasileira da atualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabela; MOTA, Mabel Meira. Hiperedições: a práxis editorial e as tecnologias digitais. In: BORGES, Rosa *et al.* **Edição do texto teatral na contemporaneidade: metodologias e críticas**. Salvador: Memória e Arte, 2021.p.111-138. Disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em 01 jan. 2023.

BORGES, Rosa. A edição de textos: crítica filológica e práticas editoriais. In: BORGES, Rosa *et al.* **Edição do texto teatral na contemporaneidade: metodologias e críticas**. Salvador: Memória e Arte, 2021. p.111-138. Disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em 01 jan. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidades**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORDINI, Maria Glória. Manual de organização de acervos literários. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, v. 1, 1994. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/309698565/Manual-de-Organizacao-de-Acervos-Literarios>>. Acesso em: 13 mai.2021.

DANTAS, Alcina. Direitos femininos. **Folha do Norte**, Feira de Santana, ano 19, n. 953, p.3, 22 out. 1927.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. Acesso em 02 jan. 2022.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander (org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.234-231.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Os palácios da memória: ensaios de crítica textual**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, v.1, p.52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em 10 fev. 2022.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário e as imagens do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de. TOLENTINO, Eliana da Conceição; MARTINS, Anderson Bastos. **O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.59-89.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Santa'na dos olhos d'água: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana (1890 –1930)**. 1998. 146 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

MCGANN, Jerome. **The rationale of hypertext**. 1995. Disponível em: <http://www2.iath.virginia.edu/public/jjm2f/rationale.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MUZART, Zahidé (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1999.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, v. 3, p. 85–94, 1995.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009. v. 3.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Prof. História**, v. 10, 1993.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. O olhar condescendente: crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX. **Travessia**, n. 21, p. 50-63, 1990.

RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Multidisciplinar em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2007.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.65-92.

SILVA, Pollianna dos Santos Ferreira. Por uma mulher livre: uma análise de Direitos femininos da escritora baiana Alcina Dantas (1892-1974). **Outra travessia**, v. 30, p. 117–131, 2020. Disponível em: Acesso em: 28 nov. 2022.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica biográfica e gênese textual. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Filologia, críticas e processos de criação**. Curitiba: Appris, 2012, p.299-308.

SOUZA, Florentina. "Gênero" e "raça" na literatura brasileira. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.32, p.103-112, 2008.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Mulheres, arquivos e memórias. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 71, p. 19–27, 2018.

SHILLINGSBURG, Peter. **General principles for Electronic Scholarly Editions**. 1993. Disponível em: <http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>. Acesso em 25 nov. 2021.

URBINA, Eduardo; FURUTA, Richard *et al.* Humanidades Digitales, Crítica textual y La edición variorum electrónica del 'Quijote' (EVE-DQ). **AISP**, 2005, p. 2–10.